

## **OS DESAFIOS DA LITERATURA AFRO-FEMININA NO BRASIL: UM DEBATE CRÍTICO DA CULTURA AFRODESCENDENTE**

Adilson Vagner de Oliveira<sup>1</sup>  
adilson.oliveira@tga.ifmt.edu.br  
Maria Vitória Santos de Sousa<sup>2</sup>  
mariavimsi@gmail.com  
Daiane Caroliny Cruz de Souza<sup>3</sup>  
daycaroliny12345@gmail.com

### **RESUMO**

Este trabalho propõe um estudo teórico sobre os aspectos da escrita afro-feminina brasileira, a partir de questões relacionadas à produção literária, à recepção e aos obstáculos enfrentados pelas escritoras negras no país. Em termos teóricos, os trabalhos de Virgínia Woolf (2014), para discutir a escrita feminina e Spivak (2010) para refletir sobre a condição de subalternidade e representação, foram fundamentais para analisar a questão de autonomia e do reconhecimento da literatura afro-feminina, além de revelar o silenciamento histórico do cânone literário brasileiro. Para as análises literárias, foram utilizadas amostras de três gêneros literários: o poema, o conto e o romance; os poemas “Não vou mais lavar os pratos” e “Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz” de Cristiane Sobral, o conto “Maria”(2015), de Conceição Evaristo, e o romance “Quarto de despejo” (2014), de Carolina Maria de Jesus.

**Palavras chave:** literatura afro-feminina; subalternidade; representação.

### **1 INTRODUÇÃO**

É possível identificar a ausência de produções literárias de escritoras negras no cânone literário brasileiro; isso porque às mulheres afrodescendentes foi norteadado o silenciamento em decorrência a desigualdade de gênero e aos fatores ligados ao mito da supremacia branca. Estas adversidades e outros desafios determinam a dificuldade de recepção de obras escritas por mulheres afrodescendentes no Brasil. Diante disso, este trabalho tem o objetivo de analisar diferentes gêneros literários, a partir de conceitos fundamentais para se compreender a literatura afro-feminina brasileira contemporânea, tais como subalternidade, autonomia, representação, recepção e empoderamento.

A investigação caracteriza-se pela natureza qualitativa das pesquisas em literatura e cultura. Por meio de análises literárias, investigaram-se obras de três escritoras negras brasileiras: Cristiane Sobral, Conceição Evaristo e Maria Carolina de Jesus. As amostras contaram com

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciência Política e Mestre em Estudos Literários. Professor do Instituto Federal de Mato Grosso, Campus Avançado de Tangará da Serra.

<sup>2</sup> Estudante do IFMT. Campus Avançado de Tangará da Serra.

<sup>3</sup> Estudante do IFMT. Campus Avançado de Tangará da Serra.

diferentes gêneros literários, tais como o poema, o conto e o romance, respectivamente. Em termos teóricos, as análises basearam-se em pressupostos da escrita feminina, a condição de subalternidade da mulher negra no Brasil, com destaque às marcas de violência, resistência e fortalecimento do discurso literário afro-feminino.

Inicialmente, tem-se a reflexão sobre os poemas da renomada autora Cristiane Sobral. “Não vou mais lavar os pratos” e “Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz”. Os dois poemas analisados trazem ao leitor uma voz poética em situações distintas que se desprendem de requisitos que já estão pré-estabelecidos na sociedade, surgem como discursos de resistência e autonomia.

Posteriormente, há a análise do conto “Maria”, de Conceição Evaristo que apresenta a narração sobre uma empregada doméstica negra que tem a violência e a morte prematura como uma marca da sociedade negra brasileira, pois a personagem principal representa a população negra que sofre violência física e verbal em justificativa à cor de pele.

Por fim, analisou-se o romance “Quarto de despejo” de Carolina Maria de Jesus que apresenta ao leitor um enredo marcado pela desigualdade racial e de gênero, assim é mostrado o cotidiano de uma mulher negra que reside em uma favela e precisa desdobrar-se para cuidar dos filhos em meio às precárias condições de vida e à escassez de oportunidade.

Portanto, as análises serviram para demonstrar como se estrutura a literatura afro-feminina no Brasil, demonstrando assim que aos poucos, tornam-se uma realidade produções literárias com a voz da mulher negra brasileira, podendo se representar também pela ficção, a partir de perspectivas de violência, opressão e resistência, mesmo sob a vigência de uma sociedade ainda patriarcal e conservadora. Essas escritoras representam a luta negra, no que diz respeito às questões raciais e de gênero, pois permitem romper com o silenciamento e o apagamento da história cultural da população negra brasileira.

## **2 A ESCRITA AFRO-FEMININA BRASILEIRA**

Diante do recente fortalecimento da crítica feminista e dos estudos culturais da subalternidade no Brasil, inúmeras investigações têm tomado a escrita afro-feminina brasileira e o papel das escritoras negras no cânone literário, como objetos de análise (ALVES, 2011; ASSUNÇÃO, 2015; BALISA, 2017; CARVALHO, 2016; LIMA, 2013; MACHADO, 2014; QUADROS, 2017; SANTOS, 2015). Trata-se de uma agenda de pesquisa muito produtiva, devido ao histórico silenciamento da voz da mulher negra na literatura e na crítica nacional.

Em termos conceituais, a literatura afro-feminina pode ser compreendida como as obras

escritas por mulheres afrodescendentes, assim sendo, essas manifestações refletem entraves e vivências próprias da cultura africano-brasileira, bem como, a dificuldade de afirmação da identidade negra e questões relevantes no que se refere ao lugar do negro na sociedade brasileira (SILVA, 2008).

Para se discutir as concepções de escrita afro-feminina no Brasil, torna-se necessário pensar primeiramente a questão do cânone literário e seu processo de formação. Mazzoni (2015) afirma que o cânone literário foi definido desde o século XX através de uma visão eurocêntrica e, portanto, possui critérios, ou melhor, pré-requisitos a serem seguidos. A maioria dos autores pertencentes a esse cenário se configura em um grupo específico de indivíduos: brancos, homens, ocidentais e com poderes aquisitivos significantes.

Os autores e autoras que não preencheram (ou não preenchem) esses requisitos do cânone foram (ou são) considerados “autores menores” ou de “menor valia” (quando inscritos nos rodapés das histórias), portanto, não sendo (ou não são) incluídos nas páginas de seus compêndios, quando não totalmente esquecidos pela omissão (MAZZONI, 2015, p. 3).

Uma vez que se fala em cânone literário brasileiro, é notória a exclusão da produção literária de escritoras negras, pois, a elas ficou norteadada a ideia de marginalização e de esquecimento (SOUZA, 2014). É importante tentar compreender o tratamento o qual a mulher vem recebendo no decorrer das décadas, para que se possam identificar as causas utilizadas como justificativa para a invisibilidade das escritoras negras no Brasil e conseqüentemente a marginalização da literatura desempenhada por elas.

Nessa perspectiva, Woolf (2014) apontou que os homens tratam as mulheres como um espelho e as fazem refleti-los num tamanho maior do que são de fato, ou seja, as manipulam para que elas realmente acreditem que os homens sejam superiores. É a partir de adversidades como essa que a ideia da mulher como um ser inferior ainda é propagada nos dias atuais, principalmente quando se trata da escrita. Para Alves (2011, p. 183) a sociedade atual utiliza-se de funções que já estão pré-estabelecidas, portanto, quando a mulher opta por se lançar no meio literário, está tomando uma atitude inovadora, dada a escassez de autoras mulheres no cânone brasileiro. E mais do que isso, está rompendo com o silêncio que por infinitas vezes esteve norteadado a ela.

Diante das minorias sociais, a escrita afro-feminina está ainda mais abaixo da escrita desempenhada pela minoria mulher branca, “afirmam uma identidade-mulher-negra que revela que sempre esteve lá, no “lugar do silêncio”, dentro do outro silêncio-mulher-branca” (ALVES, 2011, p. 186). Isto significa que as mulheres negras precisam manter-se em pé diante de situações impostas pelo patriarcado e como se não bastasse isso, enfrentam uma sociedade ainda racista que mesmo após tanto tempo de abolição da escravatura ainda fomenta seus resquícios, como

justificativa de superioridade ligada à cor da pele (NUNES, 2006, p.89).

Um aspecto bem marcado da questão da desigualdade de gênero é a maneira como a educação era aplicada a ambos os sexos. Isso, pois, a subordinação a qual eram obrigadas a desempenhar as colocava em uma situação de retaguarda, as mulheres recebiam pouca ou nenhuma educação e, portanto, não escreviam tanto quanto os homens (WOOLF, 2014). Esse aspecto desigual fazia com que as poucas mulheres, ainda no século XX, se arriscassem a escrever, utilizando-se de pseudônimos. E o resultado disso é a omissão feminina na literatura, pode-se encontrar uma série de publicações, como romances e contos, produzidos por mulheres, que tratam de temas recorrentes.

Em sua obra “Pode o subalterno falar?”, a crítica literária indiana Spivak (2012) discorre suas palavras a respeito da condição de subalternidade aplicada às minorias, ou seja, as pessoas que foram norteadas à periferia da sociedade com o passar dos anos. Por conseguinte, o termo “subalterno” é aplicável de maneira significativa às mulheres negras, pois, são subalternizadas de duas maneiras: por serem mulheres e negras (SPIVAK, 2012, p.110).

A construção de estereótipos pela literatura é uma das formas de manifestação do silenciamento da mulher negra. A literatura, muitas vezes, reproduz esse silêncio através de estereótipos afro-femininos podendo ser: o erotismo, a marginalidade profissional, a submissão no espaço social e privado. São diversas personagens sempre caracterizadas como pobres, negras, empregadas domésticas, sem estudo, entre outras taxações que as inferiorizam. (MACHADO, 2012).

A escrita afro-feminina é, por excelência, representativa da cultura afro-brasileira e problematiza o espaço social que o negro ocupa (ou pleiteia) na sociedade. São personagens facilmente encontrados em favelas, subúrbios, morros, terreiros, enfim, em espaços marginais. Mais que isso, o negro, nesta escrita, frequentemente protagoniza cenas trágicas, polêmicas, marcadas pelo crime e violência. (MACHADO, 2012, p.136).

Através da análise de obras escritas por mulheres afrodescendentes, é perceptível que as personagens negras possuem características próprias e isso se dá porque o meio ao qual o indivíduo está inserido molda a maneira com que ele enxerga o mundo. Como o negro é normalmente concebido em um âmbito socialmente desfavorecido, tendo acesso à violência, crime e precárias condições de vida, a escrita afro-feminina se volta a essas pessoas que são tratadas como a escória da sociedade, portanto, essas obras fogem do clássico, visto que retratam literalmente o caos enfrentados pelas minorias.

Para Alves (2011) a escrita da mulher negra na sociedade é uma voz que se assume, interrogando, se interroga; cobrando, se cobra; indignada, se indigna. Inscrevendo-se para existir e dar significado à existência, e neste ato se opõe. A partir de sua posição de raça e classe,

apropria-se de um veículo que pela história social de opressão não lhe seria próprio, e o faz por meio do seu olhar e fala desnudando os conflitos da sociedade brasileira. Os textos produzidos por estas escritoras afrodescendentes revelam vários contornos de uma dessas faces da mulher que está oculta, e a visibilidade dos rostos-vida é desenhada nas falas da existência. As escritoras afro-brasileiras quando se colocam à frente, demonstrando voz, aumentam o significado dessa escrita afro-feminina, revelando uma identidade de mulher que não é mais o ‘outro’ dos discursos (ALVES, 2011).

Esse tipo de literatura, que resgata do anonimato social as identidades negras e as coloca em conflito com o branco, com os ideais eurocêntricos e hegemônicos, tem ganhado espaço na Literatura Brasileira, não apenas para provocar emoção no leitor, ou ainda vitimar os negros. Tais obras têm algo a dizer, a reivindicar, a marcar fortemente a consciência crítica daqueles que compartilham da luta contra a opressão e discriminação e, não menos importante, tentar convencer os que ainda se negam a formar opinião sobre o assunto. (MACHADO, 2012, p. 137).

Conforme Quadros (2017) a cultura e a identidade pertencentes às mulheres negras foram se fragmentando durante todo o período colonial e pós-colonial, e agora defrontam-se com a condição de subalternidade, como aponta Spivak (2012), essas mulheres subalternas não podem falar, não possuem espaço social e nem o reconhecimento de sua capacidade produtiva e intelectual. Como forma de protesto contra esse tratamento, a literatura afro-feminina pode demonstrar o processo progressivo de empoderamento da mulher negra.

“Dentro da literatura, principalmente a brasileira, as personagens femininas negras orbitam em dois estereótipos opostos e subalternos: negras pobres e trabalhadoras e o desejado corpo da mulata” (QUADROS, 2017, p. 37). Na literatura brasileira, geralmente os romances tratam as mulheres negras como mulheres com grande apelo sexual, ou também como empregadas, mas quase nunca como uma mulher poderosa com uma grande e profunda história por trás da personagem. É aí que entra a literatura afro-feminina, como uma forma de destruir estereótipos e construir novos valores.

Esse conceito de literatura afro-feminina, postulado por Santiago (2012), dialoga com a escrevivência, termo cunhado por Conceição Evaristo e analisado por Machado (2014), para designar sua obra e a obra de outras mulheres negras. O que há de semelhante entre os dois conceitos aqui apresentados é a autorrepresentação das mulheres em suas obras e temáticas. Ao notar que a representação das personagens femininas orbita entre os dois estereótipos negativos, apresentados anteriormente, e que, logo, não representam esses sujeitos, as autoras vão romper, através da literatura, com essa visão um tanto machista e eurocêntrica, apresentando, ou melhor, se autorrepresentando nas personagens e resgatando a ancestralidade afrodiaspórica (QUADROS, 2017, p. 38).

Pode-se afirmar que a maneira pela qual as mulheres são representadas em romances, seja

de forma subalterna ou como objeto sexual, não necessariamente representa todo público feminino e devido a isso as escritoras afrodescendentes tendem a criar personagens que remetem ao seu passado, mulheres que viveram um tempo anterior à escravidão. E essa escrita é uma forma de quebrar essa visão estereotipada. Por mais que as mulheres almejem afirmar seu passado histórico, é necessário pensar que é difícil para elas chegarem onde estão, e mais difícil ainda serem ouvidas na literatura, sendo mulheres e negras (QUADROS, 2017).

“Apesar da importância de ruptura e (re)afirmação de um passado histórico ancestral, a falta de oportunidade e as dificuldades de publicação são pontos a serem pensados. Não é com facilidade que essas mulheres conseguem se fazerem ouvir e serem lidas” (QUADROS, 2017, p. 39). Como visto, há uma grande dificuldade vivenciada pela mulher negra em seu cotidiano, e claro, quando fala-se na publicação de suas obras esse preconceito se atrela ainda com mais força a respeito do conteúdo exposto em suas literaturas.

Ainda é um grande desafio para essas mulheres conseguir entrar no mundo da literatura e no mercado editorial, seja por desencorajamento de familiares e amigos, preconceito ou barreiras sociais. As escritoras Cristiane Sobral e Conceição Evaristo passavam muitas dificuldades procurando chances de vender e distribuir suas obras, e tudo isso demonstra que as dificuldades de publicação são ainda maiores quando se é mulher e negra. A literatura afro-feminina não é para diminuir essas escritoras e separá-las da canonicidade, como outro tipo de literatura, mas como uma forma de protesto contra a proeminência do que é considerado cânone e também para refletir sobre o motivo de não vermos tantas autoras negras. Quando falamos de escritores negros, a lista já é pequena, mas quando pesquisamos sobre escritoras negras, a lista é ainda menor (QUADRO, 2017).

### **3 A POÉTICA DE RESISTÊNCIA DA MULHER NEGRA**

Como objeto de investigação, o presente trabalho visa demonstrar como a escrita afro-feminina se legitima nos cadernos negros do ambiente literário atual. A análise lírica tomará como ponto de partida o trabalho de Cristiane Sobral, autora dos poemas “Não vou mais lavar os pratos” e “Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz”.

É importante ressaltar que Cristiane Sobral é uma renomada autora afrodescendente brasileira e que seu talento não se resume só à escrita lírica, na obra da autora em questão transparece a qualidade estética através de outras vertentes artísticas como o teatro e a escrita de contos. Sua atuação no meio literário iniciou-se nos anos 2000, quando publicou obras nos

Cadernos Negros (ASSUNÇÃO, 2015). Como todo autor, possui um projeto literário, ou seja, uma linha de pensamento que é disseminada em suas obras, a autora costuma tratar assuntos que envolvem a condição do negro no Brasil. Portanto, em suas obras estão retratadas histórias sobre a mulher afrodescendente e a aceitação da identidade negra, a escravidão e os resquícios desse momento histórico, consequentemente estereótipos e preconceitos, entre outros (LIMA, 2013)

“Não vou mais lavar os pratos” (SOBRAL, 2010) constitui-se como um livro de poemas da autora. A obra traz, em grande parte de seus poemas, a combinação da construção da identidade negra feminina com um discurso da resistência (ASSUNÇÃO, 2015). Essa resistência é percebida, principalmente, quando a autora tematiza a condição feminina da mulher negra nas relações de gênero e nas relações com a sociedade. Dentre os 123 poemas, “Não vou mais lavar os pratos” destaca-se como o mais expressivo, chegando a nomear a coletânea lírica. Cristiane Sobral tece a obra tendo como preocupação principal a identidade da mulher negra e os percalços cotidianos enfrentados, no que se remete principalmente à desigualdade de gênero e à afrodescendência.

Em decorrência disso, o poema inicia-se mostrando uma situação onde a mulher, ao começar a ler resolve mudar seu comportamento rotineiro, isso porque a leitura, ou seja, o conhecimento abriu sua mente acerca de sua conduta e de seu papel social (ASSUNÇÃO, 2015):

Não vou mais lavar os pratos  
Nem vou limpar as poeiras dos móveis Sinto muito.  
Comecei a ler.  
Abri outro dia um livro e uma semana depois decidi  
Não levo mais o lixo para a lixeira.  
Nem arrumo a bagunça das folhas que caem no quintal  
Sinto muito. Depois de ler percebi a estética dos pratos,  
A estética dos traços, a ética, [...]  
Esqueci de dizer  
Não vou mais  
Resolvi ficar um tempo comigo  
Resolvi ler sobre o que se passa conosco  
Você nem me espere. Você nem me chame  
Não vou  
De tudo o que jamais li  
De tudo o que jamais entendi  
Você foi o que passou  
Passou do limite  
Passou da medida  
Passou do alfabeto  
Desalfabetizou [...]”  
(SOBRAL, 2010, p. 36)

É perceptível no decorrer da obra que quando o eu lírico entra em um estado de consonância com a leitura, e passa a perceber que já existem funções pré-estabelecidas na sociedade e, portanto, começa a desafiá-las. Como marcado pelas repetições dos versos “Não vou mais lavar os pratos” e “Não vou mais lavar”. Outra passagem significativa que denota a ideia

de que a leitura a fez ver o trabalho com um olhar mais reflexivo é o momento em que o eu lírico afirma: “Depois de ler percebi a estética dos pratos/ a estética dos traços, a ética/ A estática [...]”.

Assunção (2015) afirma que para o leitor a obra trata de um discurso de libertação e resistência à sociedade contemporânea que continua afirmando valores falocêntricos e de superioridade branca. Portanto, o eu lírico está se exonerando da condição de trabalho doméstico que esteve sempre norteado à mulher negra. A maneira como a autora escreve a história conduz o pensamento do leitor à ideia de que a leitura, ou seja, o acesso ao conhecimento fez com que a mulher repensasse seu relacionamento porque, pelo exposto, juntamente a sociedade, o marido afirmava que os afazeres domésticos eram atividades exclusivas dela. Devido a isso o verso “Desalfabetizou” mostra que o marido contribuiu com sua cegueira, uma vez que mesmo alfabetizada a mulher não conseguia enxergar-se além da gestão de sua casa.

Assunção (2015) pontua que o poema divide-se em três momentos importantes: O eu lírico antes do contato com a leitura; após dedicar-se à leitura e o resultado desse ato. Esse percurso dá expressividade à obra porque trata de maneira evidente a condição de mulher negra, ligada exclusivamente aos afazeres domésticos e como a leitura a faz compreender esses paradigmas e logo transgredi-los. Por fim, o eu lírico afirma a resistência afro-feminina:

Depois de tantos anos alfabetizada, aprendi a ler  
Depois de tanto tempo juntos, aprendi a separar  
Meu tênis do seu sapato,  
Minha gaveta das suas gravatas  
Meu perfume do seu cheiro  
Minha tela da sua moldura Sendo assim, não  
lavo mais nada, E olho a sujeira no fundo do  
copo. Sempre chega o momento  
De sacudir, de investir, de traduzir  
Não lavo mais pratos  
Li a assinatura da minha lei áurea escrita em negro maiúsculo, Em letras tamanho  
18, espaço duplo. (SOBRAL, 2010, p. 36)

Ao analisar o poema “Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz” de Cristiane Sobral, torna-se perceptível como a autora utiliza o cabelo como base para firmar de maneira resistente e expressiva uma identidade negra (CARVALHO, 2016). Desse modo, Cristiane Sobral tece a história colocando o eu lírico como uma mulher empoderada que deseja quebrar o padrão eurocêntrico. Sendo assim, ela anseia pela aceitação das características negras. Como se demonstra na primeira estrofe:

Escrevi aquela estória escura sim  
Soltei meu grito crioulo sem medo  
Pra você saber  
Faço questão de ser negra nessa cidade descolorida  
Doa a quem doer



Faço questão de empinar meu cabelo cheio de poder  
Encresperei sempre  
Em meio a esta noite embriagada de trejeitos brancos e fúteis [...]  
Escrevi  
Escrevo  
Escreverei  
Com letras garrafais  
Em vermelho vivo  
Pra você lembrar  
Que jorrou muito sangue  
(SOBRAL, 2014, p. 54)

Além disso, nos versos “Que entre a minha pele e o papel que embrulha os seus cadernos/ Não há comparação parda cabível/ Há um oceano”, é feita uma crítica à sociedade que deseja a qualquer custo branquear os negros, seja tratando a cor da pele deles com eufemismo ou impondo um padrão de beleza em que o ideal de cabelo, por exemplo, seja liso e claro.

Por fim, o eu lírico retoma em alguns versos a escravidão negreira que influenciou totalitariamente o descaso com que os negros são tratados e enfoca com a utilização da figura de linguagem anáfora o verbo escrever “Escrevi/ Escrevo/ Escreverei ”, inclusive, o poema é encerrado de maneira dramática com o verso “Pra você lembrar/ Que jorrou muito sangue” para reproduzir ao leitor a intensidade da revolta sentida ao relembrar esse trágico momento da história.

#### **4 CONTO “MARIA”: A VIOLÊNCIA NO COTIDIANO DA MULHER NEGRA**

Na atual sociedade brasileira, a violência tornou-se um fenômeno historicamente naturalizado, com forte presença do preconceito racial, como elemento instrumental para a sua manutenção. Trata-se de uma história de marginalização e desigualdade de oportunidades principalmente para a população pobre e negra do país.

A autora Conceição Evaristo parte do princípio de representação literária da mulher negra subalternizada para escrever o conto “Maria”, publicado no livro “Olhos D’água” (2015). A partir de uma descrição cruel do cotidiano de uma empregada doméstica negra, em seu trajeto diário entre casa e trabalho, a violência contra a população negra torna-se o tema central da narrativa.

“Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço” (EVARISTO, 2015, p.39). O trecho inicial do conto expõe claramente a pobreza e miséria encontradas em grande parte das famílias brasileiras. Famílias de bairros periféricos, onde as condições de vida são precárias e de grande privação dos grandes centros. Nesse contexto, também frisa o fato de famílias que possuem uma boa condição de vida, não darem valor aos bens

que possuem, principalmente os alimentos que são descartados, mesmo sabendo que há uma grande quantidade de pessoas que passam a dor da fome. Por isso, o paralelo da desigualdade social se constitui como elemento poético na escrita ficcional de Conceição Evaristo (2015, p.39).

Ao entrar, um homem levantou lá de trás, do último banco, fazendo um sinal para o trocador. Passou em silêncio, pagando a passagem dele e de Maria. Ela reconheceu o homem. Quanto tempo, que saudades! Como era difícil continuar a vida sem ele. Maria sentou-se na frente. O homem assentou-se ao lado dela. Ela se lembrou do passado. Do homem deitado com ela. Da vida dos dois no barraco. Dos primeiros enjôos. Da barriga enorme que todos diziam gêmeos, e da alegria dele. Que bom! Nasceu! Era um menino! E haveria de se tornar um homem. Maria viu, sem olhar, que era o pai do seu filho.

Dentro do trecho acima, expõe-se um pouco da história da personagem Maria, mostrando que o pai de seu filho, cuja ausência na criação da criança permanece intensamente sentida, revelou-se como o próprio assaltante do ônibus em que a personagem utilizava para retornar para casa. É claro também que Maria sente um amor por esse homem, pela maneira como ela reage ao reencontrá-lo, depois de tanto tempo de distanciamento. O homem falava coisas em seus ouvidos, fazia perguntas, “ele estava dizendo de dor, de prazer, de alegria, de filho, de vida, de morte, de despedida. Do buraco-saudade no peito dele..., o homem cochichou as seguintes palavras: um abraço, um beijo, um carinho no filho” (EVARISTO, 2015, p.39).

Após dizer as palavras acima, o homem levantou e sacou uma arma, noticiando o assalto aos passageiros. Nesse momento Maria estava com muito medo, de não conseguir cuidar de seus filhos. Porém o comparsa do pai de seu filho passou por ela e não pediu nada (EVARISTO, 2015, p. 40)

Alguém gritou que aquela puta safada conhecia os assaltantes. Maria assustou-se. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai do seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto. Ouvia uma voz: Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois.

No contexto abordado a pouco, há uma grande violência verbal contra aquela mulher, a qual foi julgada por pessoas que não a conhecia, não sabiam nada de sua vida, a julgaram por ser uma mulher, uma mulher negra. Foram proferidas ofensas, palavras racistas por sua cor.

A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões! O dono da voz levantou e se encaminhou em direção a Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. Olha só, a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: Lincha! Lincha! Lincha!... Uns passageiros desceram e outros voaram em direção a Maria. (EVARISTO, 2015, p. 40).

Diante da passagem acima, vale pensar sobre algo bem discutido na sociedade, o livre arbítrio, que é o direito de liberdade de escolha de cada ser humano. Maria, uma mulher

trabalhadora, não escolheu estar naquela situação, a qual a ignorância do ser humano a colocou.

Tudo foi tão rápido, tão breve. Maria tinha saudades do seu ex-homem. Por que estavam fazendo isto com ela? O homem havia segredado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado. Estavam todos armados com facas-laser que cortam até a vida. Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher já estava todo dilacerado, todo pisoteado. (EVARISTO, 2015, p. 40).

A violência chegou ao ponto máximo. O nível de crueldade do ser humano e sede de justiça com as próprias mãos, resultaram em uma tragédia. Com as armas que aqueles passageiros ali carregavam, tiraram a vida de Maria. No trecho, também há uma crítica à maneira com que a defesa da população, no caso a polícia não chegou a tempo, mostrando uma despreocupação e desvalorização com a vida humana, que na maioria das vezes tratam como se fosse apenas mais um caso. O conto é concluído com a seguinte frase: “Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho” (EVARISTO, 2015, p. 40).

## **5 “QUARTO DE DESPEJO”: A FAVELA COMO CENÁRIO DE UMA ESCRITA DESAFORTUNADA**

Ao pensar sobre a escrita da mulher negra na literatura brasileira, é preciso, primeiramente, refletir sobre o conceito de subalternidade, principalmente da mulher na sociedade. Spivak (2010) diz que o sujeito subalterno remete ao indivíduo excluído dos meios de produção, do mercado, direitos sociais, e o mais importante, representação política. Diante disso, no caso específico da mulher negra e pobre, a subalternidade ganha força pela condição de pobreza, pelo gênero e também pela cor, com isso ela é mantida no lugar periférico de silenciamento social, cultural e político.

Quando se fala em escritora negra, uma das mais importantes para a história da literatura afro-feminina brasileira, é Carolina Maria de Jesus. Em sua primeira obra, um romance, que tem por título “Quarto de despejo: o diário de uma favelada” (2014). É visível a maneira pela qual a autora mostra sua força de voz feminina e marginal em todos os sentidos: étnicos, sociais e de gênero; ou seja, rompe com todas as barreiras sociais e chama a atenção do público para as favelas brasileiras. A escritora encontrou muito mais que uma forma de expressão, com seu discurso ácido e realista atingiu diversos estratos sociais, ascendendo através da literatura, modificando a sua história pessoal e a Literatura Brasileira (TOLEDO,2010).

“Quarto de despejo” (2014) é um romance híbrido, em forma de diário em que Carolina relatou cada detalhe de seu cotidiano numa favela de São Paulo. A escrita se iniciou no enredo a

partir do dia 15 de julho de 1955. A autora escrevia em cadernos velhos, e os guardava com muito cuidado com a esperança de um dia serem publicados. Porém não deram espaço a ela, a todo tempo tentava publicar suas escrituras, mas não aceitaram, por um único motivo, sua cor de pele, como ela mesmo diz: “Eu sempre escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me: -É uma pena você ser preta” (JESUS, 2014, p.64).

Escrever era a forma usada por ela para continuar vivendo, era um alívio, em seus tempos de descanso, ela sempre escrevia e lia, pois tinha uma enorme paixão por tais práticas. Entretanto, sofria com críticas preconceituosas, como relata no trecho: “Sentei ao sol para escrever. A filha da Silvia, uma menina de seis anos, passava e dizia: -Está escrevendo, negra fidida! A mãe ouvia e não repreendia. São as mães que instigam” (JESUS, 2014, p.26).

O enredo mostra detalhadamente o cotidiano da escritora, sua rotina não era algo muito agradável, sempre acordava cedo para trabalhar. A personagem narradora catava papel e materiais recicláveis para vender, porém, nem sempre obtinha lucro suficiente para comprar alimento necessário para dar a seus filhos, o que a deixava muito triste. Isso lhe deixava muito entristecida, quando via seus filhos com fome e não conseguia dar a eles o que comer.

Como é horrível levantar de manhã e não ter nada para comer. Pensei até em suicidar. Eu suicidando-me é por deficiência de alimentação no estômago. E por infelicidade eu amanheci com fome (JESUS, 2014, p. 99).

A escritora teve três filhos, sendo esses dois meninos e uma menina. Ela se importava muito em cuidar e educar seus filhos, para que eles não se perdessem na alta marginalidade vivida diariamente na favela. Entretanto, era bem complicado, já que as crianças tinham acesso a conteúdos impróprios desde muito cedo, conteúdos esses como, violência, nudez, alcoolismo e drogas. Os moradores próximos a sua residência não gostavam muito dela. As vizinhas sempre batiam em sua porta para reclamar de seus filhos, por algum tipo de brincadeira que eles haviam feito, brincadeiras simples de crianças. Também havia o fato de que sempre que era preciso, ela ajudava, chamava a polícia para apartar as brigas e também tentava conversar para contornar a situação.

Em seus relatos do diário, a escritora fala sobre assuntos abrangentes como política, desigualdade social, violência, mas, um dos mais abordados era a constante queixa sobre a favela, em que ela critica a maneira como nas periferias do Brasil. Dizendo não ser um lugar pra gente viver, porque é completamente desestruturado, sem o mínimo de higiene. Uma de suas falas é “voltei para o meu barraco imundo. Olhava o meu barraco envelhecido. As tabuas negras e podres. Pensei: está igual minha vida!” (JESUS, 2014, p.175), em tal frase, a autora expressa uma grande frustração com sua vida, fazendo um paralelo, com a imundice da favela e a melancolia vivida. Há

também, dentro dessas favelas muita violência, e falta de respeito, tanto verbal como físico, no enredo têm-se algumas situações bem explícitas de violência como “A Nena disse que o Orlando bateu na Zefa para valer” (JESUS, 2014, p.129).

Em sua obra Maria Carolina faz uma crítica ao governo da época, não só o governo, mas também as pessoas que apoiavam esse governo, que não desempenhava as funções de servir à sociedade. Em um trecho muito expressivo ela diz que: “O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo, e nas crianças” (JESUS, 2014, p. 29). Dessa forma, mostra que os governantes deveriam se colocar na situação de pobreza, para sentir as reais dificuldades, e o quanto essa parte da população sofre cotidianamente.

Mas eu já observei os nossos políticos. Para observá-los fui na Assembleia. A sucursal do Purgatório, porque a matriz é a sede do Serviço Social, no palácio do Governo. Foi lá que eu vi ranger de dentes. Vi os pobres sair chorando. E as lágrimas dos pobres comove os poetas. Não comove os poetas de salão. Mas os poetas do lixo, os idealistas das favelas, um expectador que assisti e observa as tragédias que os políticos representam em relação ao povo (JESUS, 2014, p. 53).

Quarto de despejo, o título dado à obra, se refere à favela, como sendo o quarto de despejo das grandes cidades, por ser um lugar abandonado onde ninguém se importa, onde as pessoas vivem em situações precárias e a sociedade não vê, não se mobiliza, não faz nada para tentar entender e ajudar as pessoas que estão nessa condição de vida. Na obra a escritora deixa algumas expressões a respeito do título ‘quarto de despejo’, uma delas é: “Devo incluir-me, porque eu também sou favelada. Sou rebotalho. Estou no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo” (JESUS, 2014, p.37). Nessa fala, ela afirma estar em um quarto de despejo, ser como um lixo, que ninguém dá importância, que simplesmente não tem solução e que o fim é o descarte, ou seja a morte.

As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão de que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou fora da favela tenho impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar nun quarto de despejo (JESUS, 2014, p. 37).

Há dentro da obra um paralelo criado pela autora, entre a favela e um quarto de despejo. Retrata de um lugar de exclusão, um depósito de todos os indivíduos periféricos, que estão nesse ambiente sem qualquer possibilidade de representatividade social.

## 6 CONCLUSÕES

A literatura brasileira tem sido formada por um grande número de escritores, sendo a maioria composta por homens, isso ocorre por conta da história cultural do país e sua herança patriarcal. Devido a isso, há poucas mulheres que se destacam no mercado literário com suas produções, principalmente sendo elas negras. Como dito por Spivak (2010), a mulher ainda é um sujeito subalterno na sociedade, e a mulher negra é subalternizada ainda mais, pois ela se encontra em uma condição inferior à mulher branca, no que diz respeito ao espaço de voz e oportunidades de ascensão, por estar em um silenciamento duplo, enquanto mulher e negra. Diante do exposto, é necessário que a reflexão sobre a escrita afro-feminina seja difundida em escolas, para demonstrar sua importância significativa na construção da sociedade brasileira atual, e é de grande valor que esse conhecimento seja aplicado para que a mulher não se eternize como sujeito subalterno da sociedade.

## **THE CHALLENGES OF AFRO-FEMININE LITERATURE IN BRAZIL: A CRITICAL DEBATE ON AFRODESCENDING CULTURE**

### **ABSTRACT**

This paper proposes a theoretical study on the aspects of African Brazilian feminine writing, based on issues related to literary production, reception and obstacles faced by black women writers in the country. In theoretical terms, the work of Virginia Woolf (2014), to discuss feminine writing and Spivak (2010) to reflect on the condition of subalternity and representation, were fundamental to analyze the question of autonomy and recognition of Afro-feminine literature, besides revealing the historical silencing of the Brazilian literary canon. For the literary analysis, samples of three literary genres were used: the poem, the short story and the novel; the poems "*Não vou mais lavar os pratos*" and "*Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz*", by Cristiane Sobral, the story "*Maria*" (2015), by Conceição Evaristo, and the novel "*Quarto de despejo*" (2014), by Carolina Maria de Jesus.

**Keywords:** afro-feminine literature; subalternity; representation.

### **REFERÊNCIAS**

ALVES, Miriam. A literatura negra feminina no Brasil – Pensando a existência. **Revista ABPN**, v. 1, n. 3, p. 181-189, nov. 2010 – fev. 2011.

ASSUNÇÃO, R. C. B. O discurso afrofeminino em “Não vou mais lavar os pratos” de Cristiane Sobral. Anais: IV Encontro Internacional de Literaturas, Histórias e Culturas Afro-brasileiras e Africanas Universidade Estadual do Piauí. Teresina: UESPI, 2015.

CARVALHO, C. C. S. **Literatura afro-brasileira:** Questionamentos e Ruptura de ideais hegemônicos. Anais: V Congresso Internacional de História, Universidade Federal de Goiás. Jatai: UFG, 2016.

EVARISTO, Conceição. Maria. In: **Olhos d’ água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo** - Diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014.

LIMA, E. B. S. **Identidades em conflito**: uma leitura das peças de Cristiane Sobral. Monografia (Monografia em literatura) – Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

MACHADO, Bárbara Araújo. “Escre (vivência)”: a trajetória de Conceição Evaristo. **História oral**. V.17, n.1, p.243-265, jan-jun. 2014.

MACHADO, Serafina Ferreira. Literatura afro-feminina: uma escrita de cobrança. **Revista Graphos**, Londrina, vol. 14, n° 2, 2012.

NUNES, Sylvia da Silveira. Racismo no Brasil: tentativas de disfarce de uma violência explícita. **Revista Psicologia**. USP. 2006, vol.17, n.1, p.89-98. ISSN 0103-6564.

QUADROS, Denis Moura. Poder e resistência na literatura afro-feminina de Paulina Chiziane e Cristiane Sobral: as insubmissas princesas Vuyazi e Nkala. **REVISTA ATHENA**, v.12, n.1, p. 35-49, 2017.

SANTIAGO, Ana Rita. **Vozes literárias de escritoras negras**. Cruz das Almas: EDUFRB, 2012.

SILVA, A. S. Memórias e (Re) invenções de Identidades na Literatura Afro-feminina. Anais: XI Congresso Internacional da ABRALIC - Tessituras, Interações, Convergências. São Paulo: USP, 2008.

SILVA, A. S. S. Memórias e (Re) invenções de Identidades na Literatura Afro-feminina. Anais: XI Congresso Internacional da ABRALIC Tessituras, Interações, Convergências. São Paulo: USP, 13 a 17 de julho de 2008.

SOBRAL, Cristiane. Não vou mais lavar os pratos. In: **Não vou mais lavar os pratos**. Brasília: Athalaia, 2010.

SOBRAL, Cristiane. Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz. In: **Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz**. Brasília: Edição do autor, 2014.

SOUZA, T. C. Escrita feminina negra: contribuições para os estudos literários, feministas e de gênero. **Revista Línguas & Letras – Unioeste**, Paraná, v. 15, n. 30, Segundo Semestre de 2014.

SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte, MG: Ed. UFMG, 2010.

TOLEDO, C. V. S. Carolina Maria de Jesus: A escrita de si. **Revista Letrônica**, Porto Alegre, v. 3 n. 1, p. 248, jul. 2010.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. 1. ed. São Paulo: Tordesilhas. 2014.

Recebido em 01 de outubro de 2018. Aprovado em 30 de novembro de 2018.